

Eleição Incondicional

Romanos 9:6-26

Bruce A. McDowell

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto¹

6 E não pensemos que a palavra de Deus haja falhado, porque nem todos os de Israel são, de fato, israelitas; 7 nem por serem descendentes de Abraão são todos seus filhos; mas: Em Isaque será chamada a tua descendência. 8 Isto é, estes filhos de Deus não são propriamente os da carne, mas devem ser considerados como descendência os filhos da promessa. 9 Porque a palavra da promessa é esta: Por esse tempo, virei, e Sara terá um filho.

10 E não ela somente, mas também Rebeca, ao conceber de um só, Isaque, nosso pai. 11 E ainda não eram os gêmeos nascidos, nem tinham praticado o bem ou o mal (para que o propósito de Deus, quanto à eleição, prevalesse, não por obras, mas por aquele que chama), 12 já fora dito a ela: O mais velho será servo do mais moço. 13 Como está escrito: Amei Jacó, porém me aborreci de Esaú. 14 Que diremos, pois? Há injustiça da parte de Deus? De modo nenhum!

15 Pois ele diz a Moisés: Terei misericórdia de quem me aprouver ter misericórdia e compadecer-me-ei de quem me aprouver ter compaixão.

16 Assim, pois, não depende de quem quer ou de quem corre, mas de usar Deus a sua misericórdia. 17 Porque a Escritura diz a Faraó: Para isto mesmo te levantei, para mostrar em ti o meu poder e para que o meu nome seja anunciado por toda a terra. 18 Logo, tem ele misericórdia de quem quer e também endurece a quem lhe apraz.

19 Tu, porém, me dirás: De que se queixa ele ainda? Pois quem jamais resistiu à sua vontade? 20 Quem és tu, ó homem, para discutires com Deus?! Porventura, pode o objeto perguntar a quem o fez: Por que me fizeste assim? 21 Ou não tem o oleiro direito sobre a massa, para do mesmo barro fazer um vaso para honra e outro, para desonra?

22 Que diremos, pois, se Deus, querendo mostrar a sua ira e dar a conhecer o seu poder, suportou com muita longanimidade os vasos de ira, preparados para a perdição, 23 a fim de que também desse a conhecer as riquezas da sua glória em vasos de misericórdia, que para glória preparou de antemão, 24 os quais somos nós, a quem também chamou, não só dentre os judeus, mas também dentre os gentios? 25 Assim como também diz em Oséias: Chamarei povo meu ao que não era meu povo; e amada, à que não era amada;

26 e no lugar em que se lhes disse: Vós não sois meu povo, ali mesmo serão chamados filhos do Deus vivo.

¹ E-mail para contato: felipe@monergismo.com. Traduzido em setembro/2007.

Alguns cristãos se perguntam: por que é importante entender a nossa eleição por Deus? Não deveríamos ficar satisfeitos simplesmente em saber que fomos salvos? A eleição de Deus de certas pessoas para a salvação e não outras é um ensino difícil para muitas pessoas aceitar. Elas pensam que devem ter alguma parte em determinar se são salvas ou não. Embora muitos cristãos lerão na Bíblia sobre a eleição e escolha de Deus de pessoas particulares para a salvação, os tais ignorarão ou tentarão interpretar isso de uma forma que redefina o seu significado. Não obstante a eleição de Deus ser um ensino difícil, visto que é ensinada em centenas de páginas da Bíblia, não deve ser ignorada. Ela nos dá um entendimento correto de Deus com respeito a sua misericórdia, graça e onipotência e de seu plano eterno para a nossa salvação. Ter um entendimento correto da eleição é determinante para se entender corretamente outras doutrinas relacionadas, tais como a natureza e extensão do nosso pecado, a escravidão da nossa vontade, a graça de Deus na nossa salvação e a nossa apresentação do evangelho aos perdidos.

I. Eleição Incondicional Definida

O que se quer dizer por “eleição incondicional”? Antes de definirmos isso, é útil entender primeiro alguns termos relacionados.

Pré-ordenação

O ensino da Escritura sobre a eleição é uma parte de uma doutrina mais ampla da soberania absoluta de Deus. Não somente nossa eleição para a salvação, mas tudo o que acontece no universo é parte do decreto eterno de Deus. Pré-ordenação é o plano soberano de Deus no qual ele decide tudo o que acontecerá no universo. Nada acontece por acaso. Deus conhece todas as coisas antes que aconteçam, e isso porque as planejou e faz acontecer. Paulo escreve: “Nele, digo, em quem também fomos feitos herança, havendo sido predestinados conforme o *propósito daquele que faz todas as coisas, segundo o conselho da sua vontade..*” (Ef. 1:11). Vemos no relato da vida de José como embora seus irmãos o tenham vendido para ser escravo no Egito, Deus usou isso para o bem, para salvar a eles e aos egípcios da fome. José diz aos seus irmãos: “Assim, não fostes vós que me enviastes para cá, senão Deus, que me tem posto por pai de Faraó, e por senhor de toda a sua casa, e como regente em toda a terra do Egito” (Gn. 45:8). Tudo está debaixo do controle de Deus. Assim, não precisamos ficar ansiosos. O salmista diz: “Mas o nosso Deus está nos céus e faz tudo o que lhe apraz” (Sl. 115:3).

Predestinação

Predestinação é uma parte da pré-ordenação no fato de ser o plano de Deus para o destino eterno do homem: céu ou inferno. Paulo explica aos efésios como Deus nos predestinou em amor. “Assim como nos escolheu, nele, antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis perante ele; e em amor nos predestinou para ele, para a adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo, segundo o beneplácito de sua vontade, para louvor da glória de sua graça, que ele nos concedeu gratuitamente no Amado” (Ef. 1:4-6).

Paulo fala aos romanos dos mistérios do que Deus fez por nós em Cristo. “Porquanto aos que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. E aos que predestinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou” (Rm. 8:29-30). O pré-conhecimento (presciência) de Deus sobre nós significa que ele nos amou de antemão. Na linguagem bíblica

“conhecer” significa “amar”. Assim, aqueles a quem Deus “de antemão amou”, também os predestinou para serem conformes à imagem de Jesus. Sua pré-ordenação dos crentes é baseada em seu amor eterno. Isso leva a uma cadeia contínua de salvação de ser chamado, justificado e glorificado. Aqueles que crêem em Jesus podem louvar a Deus pela segurança dessa promessa.

Eleição Incondicional

Eleição pode ser definida como “o propósito eterno de Deus de salvar alguns da raça humana em e por Jesus Cristo”. Pedro escreveu sua primeira epístola “aos eleitos de Deus... segundo a presciência de Deus Pai, em santificação do Espírito, para a obediência e a aspersão do sangue de Jesus Cristo” (1Pe. 1:1-2).

Toda eleição que é feita é uma eleição condicional. Quando votamos num candidato em determinada eleição, assim fazemos baseados em suas promessas, sua posição política, sua boa aparência, sua raça ou etnia ou algum outro fator. Mas a nossa escolha por Deus, para sermos filhos de Deus que foram adotados em sua família, é puramente incondicional. Ela não depende de algo que pensamos, dizemos, fazemos ou somos. Não há como saber o porquê Deus escolhe salvar certas pessoas. Mas com certeza não é baseado em algo presente nessa pessoa.

Realmente, esse é um pensamento maravilhoso. Pois quem poderia permanecer diante de Deus para fazer qualquer alegação de que era bom o suficiente para Deus o escolher? Todos estávamos igualmente mortos no pecado, e não tínhamos feito sequer alguma coisa “boa” que nos fizesse aceitáveis a Deus. Se nossa eleição fosse baseada em algo que fazemos, ninguém seria capaz de ir para o céu. Todos seríamos condenados ao inferno, pois ninguém é bom. Assim, podemos louvar a Deus por sua eleição incondicional.

II. A Escolha Soberana de Deus

Eleição é um fato diário. Pois se cremos que Deus tem algum controle sobre a história e as nossas vidas, devemos crer em algum tipo de eleição. Jesus escolheu dozes discípulos com os quais gastou três anos. Ele poderia ter escolhido mais ou diferentes discípulos. Então, Jesus enviou seus discípulos para pregar o evangelho. Ao serem guiados por Deus para ir numa ou noutra direção, houve eleição. Ir para oeste, e não leste, significa necessariamente que certas pessoas não ouvirão a mensagem do evangelho. Se você decide compartilhar o evangelho com um amigo, mas não com outro conhecido distante, você estará experimentando uma forma de eleição. Então, necessariamente milhões de outros não estarão tendo a oportunidade de ouvir as boas novas das quais você está falando.

Em nossa salvação, Deus faz sua escolha soberana quanto a quem salvará. Não há nada num homem ou no que ele faz que faça Deus escolhê-lo. Nem é a vontade do homem escolher a Deus (Jo. 1:13). “Assim, pois, não depende de quem quer ou de quem corre, mas de usar Deus a sua misericórdia” (Rm. 9:16), Paulo argumenta. Ele prova isso quando fala da escolha de Jacó sobre Esaú por Deus. “...Rebeca, ao conceber de um só, Isaque, nosso pai. E ainda não eram os gêmeos nascidos, nem tinham praticado o bem ou o mal (para que o propósito de Deus, quanto à eleição, prevalecesse, não por obras, mas por aquele que chama), já fora dito a ela: O mais velho será servo do mais moço. Como está escrito: Amei Jacó, porém me aborreci de Esaú” (Rm. 9:10-13). Aqui somos claramente informados que Deus já tinha decidido antes dos gêmeos nascerem quem era eleito. Deus disse, “Amei Jacó...”.

III. Liberdade do Homem

Se Deus escolheu soberanamente quem ele salvará e determinou o que acontecerá em cada detalhe da história, por que deveríamos ser responsáveis? Cada pessoa faz todas as suas ações livremente, de acordo com a sua vontade. Mas essas ações “também são a obra do propósito eterno e pré-ordenação de Deus”.² É difícil para nós, a partir da nossa perspectiva humana limitada, entender como Deus pode pré-ordenar tudo o que acontecerá, e ainda nos manter plenamente responsáveis por nossas ações. Todavia, isso é consistente com o ensino da Escritura. Veja o sermão de Pedro no dia de Pentecoste. “Sendo este [Jesus] entregue pelo determinado desígnio e presciência de Deus, vós o matastes, crucificando-o por mãos de iníquos” (At. 2:23). Pedro reconhece que, embora estivesse no plano de Deus que Jesus fosse morto, os judeus que condenaram Jesus e o entregaram aos romanos que o crucificaram, foram culpados por suas ações. “Deus ordena os meios bem como os fins dos eventos humanos, sem violar a liberdade e responsabilidade humana”.³ Isso é adicionalmente ensinado na oração dos discípulos após Pedro e João terem sido soltos do Sinédrio, o tribunal judeu, quando disseram: “Porque verdadeiramente se ajuntaram nesta cidade contra o teu santo Servo Jesus, ao qual ungiste, Herodes e Pôncio Pilatos, com gentios e gente de Israel, para fazerem tudo o que a tua mão e o teu propósito predeterminaram” (At. 4:27-28). Aqui vemos que nada, nem mesmo a morte ofensiva do Filho de Deus, acontece à parte do propósito fixado por Deus. Deus assegura soberanamente que sua mão forte acompanha sua vontade. Todavia, aqueles que praticaram esse assassinato maligno de Jesus eram agentes plenamente responsáveis diante de Deus por suas ações.

O calvinista crê que todo o mundo é totalmente livre, livre para fazer o que quer. Deus não coage alguém a fazer algo contra a sua vontade. Mas todo o mundo é escravo do pecado. Assim, nessa escravidão o homem não pode escolher o bem em vez do mal. Você poderia comparar isso com um alcoólico que tecnicamente pode fazer uma escolha de beber ou não beber. Mas ele não pode parar de beber. Está escravizado ao álcool. Todavia, ele é livre para escolher seguir a Cristo ou rejeitá-lo. Mas ele faz exatamente o que seu coração deseja. Ele segue o desejo do seu coração, que é continuamente para o mal e ódio para com Deus. Ele entrega-se livremente ao pecado que ama. Mas o homem não tem um livre-arbítrio para escolher a Cristo ou rejeitá-lo. A vontade do homem está presa às cadeias do pecado.

O cristão também não tem um livre-arbítrio, pois o Espírito de Deus muda a vontade daquele escravizado pelo pecado para escolher seguir a Cristo. Como Jesus disse: “Todo aquele que o Pai me dá, esse virá a mim...” (Jo. 6:37). Ele continua mais tarde para dizer: “...ninguém poderá vir a mim, se, pelo Pai, não lhe for concedido” (Jo. 6:65). Então, daqueles que vêm, Jesus disse: “...o que vem a mim, de modo nenhum o lançarei fora”. “... eu não perderei nenhum de todos os que me deu...” (Jo. 6:37b, 39; versão do autor). Deus assim captura nossa vontade para que nunca o rejeitemos totalmente, se somos realmente seus. Que pensamento encorajador!

Alguns pensam que a eleição é uma doutrina dura, que força as pessoas a fazerem o que não querem. Isso é um mal-entendido. Todo o mundo consegue exatamente o que quer. Aqueles destinados a irem para o inferno estão satisfeitos ao irem para lá, pois odeiam a alternativa. Sim, aqueles no inferno estão em contínua agonia. Mas o que eles odeiam ainda mais é se submeter à adoração do Deus triúno. Como Edwin Palmer diz: “O último lugar que eles querem estar é no céu. Eles não podem engolir a idéia de se arrepender dos pecados e amar a Deus e aos outros mais que a si mesmos. Eles não querem estar no inferno, mas quando sabem que a alternativa ao inferno é ir para o céu com um coração

² R.C. Sproul, editor, *New Geneva Study Bible* (Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1995), 1487.

³ *Ibid.*, 1714.

puro, desejarão permanecer no inferno. Assim, é verdade que cada um consegue o que quer: os cristãos estão satisfeitos por estarem com Deus, e os habitantes do inferno estão satisfeitos por não estarem com Deus”.⁴

IV. Reprovação

No caso das muitas pessoas que não estão entre os eleitos, Deus fez uma decisão eterna de não lhes conferir sua misericórdia. João escreve em Apocalipse “[d]aqueles que habitam sobre a terra, cujos nomes *não* foram escritos no Livro da Vida desde a fundação do mundo...” (Ap. 17:8). Em vez disso, Deus os punirá com juízo por seus pecados. Chamamos isso de reprovação. É uma doutrina mui claramente descrita por Paulo em Romanos 9. “Logo, tem ele misericórdia de quem quer e também *endurece* a quem lhe apraz” (Rm 9:18). Claramente Deus endureceu o coração de Faraó e dos egípcios quando libertou os israelitas da escravidão, durante o êxodo.

“Que diremos, pois, se Deus, querendo mostrar a sua ira e dar a conhecer o seu poder, suportou com muita longanimidade os vasos de ira, preparados para a perdição, a fim de que também desse a conhecer as riquezas da sua glória em vasos de misericórdia, que para glória preparou de antemão, os quais somos nós, a quem também chamou, não só dentre os judeus, mas também dentre os gentios?” (Ro. 9:22-24). Sendo Deus um Deus santo, glorioso e maravilhoso, deseja que seja glorificado em tudo o que faz. Assim, ele é glorificado em sua santidade, poder e justiça pela destruição dos ímpios que rejeitam a verdade e desobedecem aos seus mandamentos. O poder e a força soberana de Deus, ao salvar o seu povo de uma das nações mais poderosas da terra e sobrepujar todo o poder dos deuses do Egito, foram feitos conhecidos através do endurecimento do coração dos egípcios e no afogamento do exército egípcio.

Está simplesmente no beneplácito de Deus revelar sua verdade ao humilde, mas ocultá-la do orgulhoso. Como disse Jesus: “Por aquele tempo, exclamou Jesus: Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e instruídos e as revelaste aos pequeninos. Sim, ó Pai, porque assim foi do teu agrado” (Mt. 11:25-26).

O papel de Deus na reprovação é passivo.⁵ O ímpio é ignorado ou deixado de lado. Eles são condenados por sua incredulidade. Jesus disse: “... o que não crê já está julgado, porquanto não crê no nome do unigênito Filho de Deus” (Jo. 3:18). Mas a redenção de Deus dos eleitos é um papel ativo, ao estender a sua misericórdia àqueles que foram ordenados para a vida eterna. Jesus disse: “Porquanto Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para que julgasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele” (Jo. 3:17). Deus enviou seu Filho para salvar pecadores.

O fato de Deus deixar de lado alguns pecadores, não lhes concedendo sua misericórdia, é um justo julgamento pelo pecado deles. Como Pedro diz: “São estes [aqueles que não crêem] os que tropeçam na palavra, sendo desobedientes, para o que também foram postos” (1Pe. 2:8). Aqui novamente vemos a responsabilidade humana e um cumprimento do propósito eterno de Deus.

V. Deus é justo?

Freqüentemente a objeção surge quando as pessoas ouvem que Deus elege incondicionalmente alguns e ignora outros para a salvação, pensando que isso

⁴ Edwin H. Palmer, *The Five Points of Calvinism* (Grand Rapids: Baker Book House, 1972), 37.

⁵ Nota do tradutor: Visão infralapsariana, como a defendida por Sproul em *Eleitos de Deus* (Cultura Cristã). Ler artigo “reprovação”, de Vincent Cheung, disponível no *Monergismo.com*.

necessariamente significa que Deus é injusto. Contudo, para acusar Deus de ser injusto, a pessoa deve de alguma forma provar que algum ser humano ~~merece~~ ser salvo. Mas vemos claramente na Escritura que todos merecem apenas ser condenados ao inferno por sua incredulidade, pecado e rebelião contra Deus. Portanto, Deus seria perfeitamente justo em mandar todo o mundo para o inferno e a morte eterna. A Lei de Deus nos mostra que merecemos sua maldição, como quando o Filho do Homem disse aos bodes à sua esquerda: “Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos” (Mt. 25:41). Contudo, podemos nos maravilhar com o amor compassivo e a misericórdia de Deus quando ele chama seu povo dizendo,

“Convertei-vos ao SENHOR, vosso Deus,
 porque ele é misericordioso, e compassivo,
 e tardio em irar-se, e grande em benignidade,
 e se arrepende do mal” (Joel 2:13).

O contraste entre o que merecemos e o que temos em Cristo é visto no versículo muito amado de Romanos 6:23: “Porque o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus, nosso Senhor”.

Paulo argumenta que é totalmente prerrogativa de Deus escolher quem ele salvará:

Que diremos, pois? Há injustiça da parte de Deus? De modo nenhum! Pois ele diz a Moisés: “Terei misericórdia de quem me aprouver ter misericórdia e compadecer-me-ei de quem me aprouver ter compaixão” (Rm. 9:14-15).

Portanto, a justiça de Deus não seria maculada se ele tivesse escolhido não salvar ninguém ou salvar todo o mundo.

Ninguém pode presumir conhecer a mente do Senhor. Quando Paulo irrompe numa doxologia em Romanos 11, ele diz,

Quão insondáveis são os seus juízos,
 e quão inescrutáveis, os seus caminhos!
 “Quem, pois, conheceu a mente do Senhor?” (Rm. 11:33b-34a).

Ou como Isaías diz,

“Porque os meus pensamentos não são os vossos pensamentos,
 nem os vossos caminhos, os meus caminhos”, diz o SENHOR (Is. 55:8).

Se culpamos a Deus de injustiça, a réplica de Paulo é encontrada em Romanos 9.

Quem és tu, ó homem, para discutires com Deus?! Porventura, pode o objeto perguntar a quem o fez: ‘Por que me fizeste assim?’ Ou não tem o oleiro direito sobre a massa, para do mesmo barro fazer um vaso para honra e outro, para desonra? (Rm. 9:20-21).

Assim, mesmo ao ignorar pecadores e deixá-los em sua condenação, Deus tem um direito perfeito e justo de assim fazê-lo. Além do mais, ele recebe a glória ao assim fazer. Ninguém tem algum direito à misericórdia e salvação de Deus, mas somos todos seus devedores.

VI. Benefícios Duradouros

A doutrina da eleição incondicional nos dá pelo menos cinco benefícios duradouros à nossa fé.

Primeiro, tem um *efeito humilhante* sobre o nosso orgulho natural. Temos um desejo contínuo de pensar que temos alguma parte em nossa salvação, que nos faça dignos de Deus nos salvar. Mas se fomos escolhidos antes da fundação do mundo, antes de termos nascido, então podemos estar certos que nossa eleição não tem nada a ver com algo que fizemos. Ela tem origem puramente na graça de Deus, nos dada como um dom (Ef. 2:8-9). Portanto, não temos nada sobre o que nos gloriar, senão em nosso Senhor.

Segundo, nossa eleição incondicional produz em nós um profundo *amor por Deus*. Como James Boice explica: “Se temos uma parte na salvação, não importa quão pequena, então nosso amor por Deus é diminuído nessa proporção”.⁶ Tristemente, muitos cristãos hoje tomam o amor de Deus como garantido. Eles pensam que merecem o amor de Deus. “Se eu me amo, não deveria Deus me amar também?”. Eles também confundem o amor geral de Deus por toda a sua criação, com o seu amor específico e redentor pelos seus eleitos. Mas quando entendemos que fomos eleitos pela graça de Deus somente, de nossa depravação radical, nossa forma egocêntrica de pensar é reorientada. Então, nos maravilhemos com a maravilha de seu amor profundo por nós e respondemos em amor para com ele.

Terceiro, nosso entendimento da eleição *aumenta nossa adoração a Deus*. Como podemos admirar um Deus que é frustrado pela vontade rebelde de homens e mulheres? Se pensamos que escolhemos a Deus por nossa própria vontade, necessariamente limitamos nosso entendimento da natureza e poder de Deus. Como Martinho Lutero disse: “Ora, se sou ignorante das obras e do poder de Deus, sou ignorante do próprio Deus; e se não conheço a Deus, não posso adorá-lo, louvá-lo, dar-lhe graças ou servi-lo, pois não sei quanto devo atribuir a mim mesmo e quanto a ele”.⁷ Assim, um entendimento correto de Deus e da sua obra leva a uma adoração correta de Deus.

Quarto, nossa eleição incondicional *encoraja o evangelismo*. Alguns objetam, supondo que visto que Deus salvará aqueles a quem já elegeu, por que devemos pregar o evangelho? Mas é o claro ensino da Escritura que os meios ordenados por Deus através dos quais ele cumprirá os seus propósitos na salvação é mediante a pregação do evangelho, através do seu povo. Jesus nos ordenou especificamente a “ir e fazer discípulos... ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado” (Mt. 28:19-20). O apóstolo nos exorta a fazer o mesmo por palavra e exemplo. Paulo diz aos coríntios: “Visto como, na sabedoria de Deus, o mundo não o conheceu por sua própria sabedoria, aprouve a Deus salvar os que crêem pela loucura da pregação” (1Co. 1:21). Assim, os meios pelos quais Deus ordenou que cheguemos a fé é através da pregação do evangelho. Como Paulo diz aos romanos: “Como, porém, invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem nada ouviram? E como ouvirão, se não há quem pregue?” (Rm. 10:14).

Mas alguém pode objetar: se apenas Deus pode capacitar uma pessoa a responder à pregação do evangelho, por que deveríamos pedir às pessoas para fazer o que não podem por natureza? Fazemos assim, porque pela pregação do evangelho recebemos a certeza que Deus converterá os corações. É apenas ao conhecer a verdade da eleição que temos alguma esperança de sucesso em nosso evangelismo. Se o coração das pessoas é tão duro e obscurecido como descrito na Bíblia, não podemos ter esperança de ver alguém chegar à fé através da nossa pregação. Se a salvação de outros depende da nossa eficácia em dizer a coisa certa e ser persuasivo o suficiente, como poderíamos esperar alguém receber a Cristo?

⁶ James Montgomery Boice and Philip Graham Ryken, *The Doctrines of Grace* (Westchester, IL: Crossway Books, 2002), 111.

⁷ Citado em *Ibid.*

E se cometermos um engano, respondermos erroneamente, não entendermos as perguntas reais da pessoa ou não usarmos uma técnica persuasiva? Como poderíamos viver com a culpa do destino eterno dos outros residindo ao menos parcialmente sobre os nossos ombros?

Mas sabendo que Deus elegeu alguns para salvação, podemos testemunhar com ousadia, não temendo cometer um engano. Pois Deus chamará os seus à salvação, a despeito da nossa fraqueza. Sua Palavra não retornará vazia, mas cumprirá o que ele deseja (Is. 55:10-11). Jesus disse: “Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra. Ide, portanto...” (Mt. 28:18-19a). Jesus promete que algumas das sementes da Palavra que semeamos produzirão fruto e florescerão. O choro do nosso semear resultará em alegria, quando colhermos o grão que se multiplicou. Assim, saber que Deus trará os seus eleitos em e através da nossa perseverança na evangelização é um grande encorajamento. Podemos estar confiantes que todos os eleitos serão salvos e “a causa de Deus triunfará no final, para a sua honra e glória”.⁸

Quinto, nossa eleição nos dá uma *certeza da nossa salvação*. Alguns argumentam que se somos eleitos pelo decreto de Deus, sempre estaremos nos perguntando se somos um dos eleitos ou um dos condenados. Na realidade, tal doutrina tem um efeito oposto, enquanto o arminiano nunca está seguro que fez o suficiente. Ou então tem uma falsa confiança, pois fez uma decisão de “aceitar” a Cristo, mas não tem nenhuma evidência de uma vida transformada. É somente através da doutrina que reconhece a salvação como sendo um dom de Deus pela graça somente, que não depende de nós, que alguém pode ter plena confiança que Deus nos salvará. Somos fracos demais em nós mesmos para estarmos confiantes de nossa salvação. Mas pela confirmação interior do Espírito testemunhando com o nosso espírito que somos filhos de Deus, temos confiança que somos salvos (Rm. 8:16). O Espírito opera uma consciência do pecado em nossa vida, que se torna mortificada – morta. Começamos a produzir mais e mais frutos do Espírito em boas obras e fé. A boa obra começada por Deus será completada no dia que encontramos o Senhor Jesus em sua vinda. Saber que fomos predestinados à salvação por Deus antes da fundação do mundo é uma segurança confortadora. Como um dito atribuído a Charles Spurgeon diz, “é uma boa coisa que Deus tenha me escolhido antes de nascer, pois certamente não teria feito depois!”.⁹ Ter certeza da nossa fé é um dom de Deus. Torna a nossa vida presente doce e confortável, embora trabalhemos duro com o poder com o qual Deus nos capacita. A certeza nos abençoa no céu e em nossa consciência.

Louvado seja Deus por sua graça eletiva, com a qual nos abençoou.

Bênção:

“Salva-nos, SENHOR, nosso Deus,
e congrega-nos de entre as nações,
para que demos graças ao teu santo nome
e nos gloriemos no teu louvor.
Bendito seja o SENHOR, Deus de Israel,
de eternidade a eternidade.
e todo o povo diga: ‘Amém!’
Aleluia!” (Sl. 106:47-48).

⁸ John Cheeseman, et. al., *The Grace of God in the Gospel* (London: The Banner of Truth Trust, 1972), 66.

⁹ Michael P. Green, editor, *Illustrations for Biblical Preaching* (Grand Rapids: Baker Book House, 1989), 116.